

3ª PARTE

POESIA

Elegia Para Barros Pinho

Teus papagaios nunca que subiram.
Mas tu, agora, no infinito pairas:
mudaste, para sempre, de morada.
Planos se desfizeram, parcerias
em perspectiva todas se frustraram.
Deixaste amigos, a família, a amada.
Poemas que concebeste e escrevias,
ficam-te à espera, na exclusão do nada.
Entre ilusões, mantemo-nos ainda,
dores sentindo e achando a vida linda.
Superaste, porém, mesquinhinhas cousas,
niveladas ao pó sob frias lousas.
Se nunca que subiram os papagaios,
habitas com a Poesia além dos raios.

Despedida a José Alves Fernandes

Mestre, não avisaste a nós que te ias.
Pegados fomos quase de surpresa,
e o nosso adeus, enleado a nostalgias,
cristalizou-se na alma, a dores presa.

Teu talento em lições nos transmitias
com a maior segurança e profundez.
Doeu-nos saber que não produzirias
algo mais para a Língua Portuguesa.

Dicionário ambulante, enciclopédia
da cultura do mundo a nos fugir,
de mestre e de colega foste a soma.

Vinda do alto, esperamos pela média
da nota em bênção, que hás de atribuir
ao que fizemos envolvendo o idioma.

José Valdivino Centenário

Lembro-o no casarão da Floriano:
exemplo patriarcal e singular.
Aí, seguiu de vida um belo plano,
a Religião de Cristo a professar.

Mestre do idioma e poeta, cheio de arcano,
fez-se simples no ensino e no poetar.
Vicentino, piedoso e mariano,
os semelhantes soube sempre amar.

Dele texto em jornal como os de **O POVO**,
a saudade do Engenho Livramento
e os livros se projetam no futuro.

Busco grandes lições lhe ouvir de novo,
e haurir-lhe o resplendor do pensamento
por seu caráter de homem sábio e puro.

Ao Poeta e Pintor Otacílio de Azevedo

Poeta, também pintaste, com o poema,
a Natureza e as almas. Deslumbrado
ante o belo, o pincel fez-se-te o emblema
da arte, saindo de *dentro do passado*.

Mostraste a *alma ansiosa*, entanto o esquema
de vida teu foi teres cultivado
réstia de sol, luz tênue, mas extrema
salvação do poeta entediado.

És hoje *sugestão do luar*, depois
de a ânsia e o pranto exprimir do cata-vento
e decantar o carro e a dor dos bois.

Trigo sem joio ainda és com o teu invento.
Da sinfonia que aí tua mão compôs,
bebe notas de cor meu gosto atento.

Ao Crítico e Poeta Sânzio de Azevedo

O amor às Letras ao saber te liga.
Dedicas-te por isso ao Magistério.
Neste, avesso a conluios como à intriga,
cultivas o ideal mais justo e sério.

A correção buscando sem fadiga,
da vileza recusas-te ao império.
O leitor ou o aluno que te siga,
marcas com teu estilo e teu critério.

Tão precioso o que expões após o estudo!
Se parece do Olimpo virem os versos,
sei que os ensaios iluminam tudo.

Teu nome, um astro em glória, ficará.
E honrar-te-ão, pelos lúcidos e tersos
trabalhos teus, as Letras do Ceará!

Ao Poeta Carlos Augusto Viana

Para Laéria Fontenele

A vital aridez faz-nos sedentos,
mas teu poetar encanta e nos redime.
Celebro, amigo, as côdeas dos inventos,
com que sacias a fome do sublime.
Canto a perplexidade do teu cais
ante a imagem de quem não volta mais.
O relógio sonâmbulo que inscreve
em ti o efêmero e que ceifa leve.
A constante absorção de visionário,
dores a superar do itinerário.
Celebro, enfim, Carlos Augusto Viana,
quem para ti é amada, amiga e mana,
cujo nome, espargindo-o pelos ares,
louvas na recriação dos teus Cantares.